



## BAHIA

## Aplicativo será testado na Semana do Clima

**MOBILIDADE** Nessa segunda, 19, começa a funcionar o aplicativo VÁ DE BUZÚ. A ferramenta permitirá que qualquer usuário da plataforma Android baixe gratuitamente o aplicativo e, nessa fase de teste, não pague pela viagem testada na linha especial com o ônibus elétrico E135 - Shopping Paralela/Cidade do Clima (Climate Week). A ferramenta será testada durante toda a Semana do Clima e para utilizar o APP, basta o verificar o QR-Code, passar no validador do veículo para a abertura da catraca.

Após o período de testes, quando o app estiver liberado para os 2,3 mil ônibus que circulam em Salvador, os usuários poderão colocar crédito no aplicativo de casa, sem pagar mais por isso. Terão também descontos na tarifa de ônibus utilizando a ferramenta fora do horário de pico. Além de emprestar crédito para outra pessoa que também estiver utilizando o aplicativo.

De acordo com o secretário municipal de mobilidade urbana Fábio Mota, depois dessa semana de testes, dez outros veículos passarão também a trabalhar com o dispositivo por cerca de mais 60 dias. "Depois vamos avaliar os resultados e produzir os relatórios indicado se a implantação será definitiva ou não", esclarece. Ele ressalta que o aplicativo não possibilita realizar a integração com o metrô, mas será uma ótima opção, especialmente fora do horário de pico. "Estamos ouvindo as operadoras, pois uma das metas



O aplicativo VÁ DE BUZÚ será testado no ônibus elétrico que fará o transporte no local

**32MI**lhões de pessoas usam o transporte público em Salvador, por mês, mas apenas 18 mi são pagantes das tarifas

dessa ferramenta é possibilitar o aumento da quantidade de passageiros pagantes", diz o secretário, salientando que, Salvador possui 32 milhões de usuários por mês do transporte público, mas apenas 18 milhões são pagantes. Quando estiver em funcionamento, a recarga do aplicativo poderá ser feita através de cartão de crédito, débito ou transferência bancária, além do usuário poder transferir seus créditos para

terceiros que também tiverem o app. O ônibus elétrico que funcionará de teste para o app VÁ DE BUZÚ está em teste em Salvador há 60 dias, junto com outros veículos em cinco linhas. Mota esclarece que depois de 60 dias de testes, a Prefeitura está analisando os resultados desse veículo que apesar de ter uma tecnologia limpa e livre de poluentes, custa três vezes e meio mais que o convencional.

## SEMANA DO CLIMA

### ● LINHA ESPECIAL

**07h30** Para atender o evento Latino-Americano Climate Week, que acontecerá em Salvador na próxima semana, os usuários do transporte terão à disposição uma linha especial operada pelo ônibus elétrico que fará o seguinte itinerário: Shopping Paralela, Avenida Luís Viana, retornando pelo viaduto da Orlando Gomes, passando novamente pela Avenida Luís Viana, retorno no viaduto em frente à Ferreira Costa e seguindo outra vez pela Avenida Luís Viana até o Shopping Paralela. Horários de saída do shopping: 7h30, 8h10, 8h50, 12h20, 13h, 13h40, 14h20, 16h, 16h40 e 17h20.

### ● ABERTURA

**08h00** Painel Salvador de Mudança do Clima unirá pesquisadores e profissionais da área para criar uma agenda

### ● QUARTA (21)

**24h** Plenária do evento reúne o prefeito ACM Neto, o presidente da Câmara Rodrigo Maia, o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, o representante da ONG WWF, Manuel Pulgar Vidal, a coordenadora da ONU no Brasil, Niky Fabianic, e o diretor de Mudanças Climáticas da ONU, Martin Frick.

## MIRIAM LEITÃO

[blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao/](https://blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao/)



### O PROBLEMA NÃO É A DIREITA OU A ESQUERDA. O RISCO VEM DO POPULISMO E DO AUTORITARISMO.

## Origem das crises e das ameaças

O problema não é a direita ou a esquerda. Em qualquer democracia há alternância de tendências políticas no poder. O risco vem do populismo e do autoritarismo. Eles produzem crises econômicas, ameaçam instituições, emburrecem o debate. Na Argentina, na Venezuela e no Brasil, o problema sempre foi o autoritarismo, e piora quando ele vem vestido com as cores do populismo.

A Argentina de Cristina Kirchner aprovou uma lei de imprensa para brigar com alguns órgãos, principalmente o "Clarín". A Venezuela de Chávez e Maduro atacou jornalistas, jornais e emissoras de TV em geral. Conseguiu fechar a maioria. No silêncio que se seguiu, escalou no populismo autoritário que levou o país à devastação. O governo Lula tentou imitar a onda da Venezuela e da Argen-

tina na relação com a imprensa e propôs projetos de controle. Teve que recuar, mas a ideia é renovada nos programas do PT a cada eleição.

O governo Bolsonaro ofende cotidianamente jovens repórteres que fazem perguntas pertinentes, posta mentiras sobre jornalistas, ataca jornais, ameaça usar a força econômica do governo para acabar com órgãos de imprensa e editou a MP do balanço das empresas declarando que o fazia para retallar o "Valor". Autoritários e populistas não gostam de jornalistas e jornais.

A Argentina de Cristina Kirchner brigou com o número da inflação, fez uma intervenção no Índex e mudou a fórmula de cálculo. O governo Bolsonaro não gosta das notícias de aumento do desmatamento, fez uma intervenção no Inpe e vai

contratar um serviço privado extraindo o dinheiro do cofre público que já está vazio. O desmatamento continuará aumentando, assim como a inflação argentina. O governo Macri anunciou que corrigiria o que Cristina fez no índice. Cumpriu a promessa. Mas foi incompetente para reduzir a inflação e recorreu a uma arma velha dos populistas: o congelamento de preços. Fez o controle da cesta básica e agora, depois da eleição, congelou gasolina e combustíveis em geral. Não vai ajudá-lo na eleição e aprofundará a crise da Argentina.

Cristina Kirchner fez uma intervenção desastrosa nas tarifas de energia. Dilma Rousseff fez a MP 579 que quebrou esse setor no Brasil. O populismo energético nunca deu certo. Se era para reduzir o preço tem que ser com mais competição. É is-

so que Paulo Guedes está prometendo com seu projeto de aumento da oferta de gás. Tomara que funcione.

O governo Bolsonaro está atacando órgãos públicos. Já atingiu o meio ambiente. Agora está na área econômica. O Coaf pode ser desfeito, sob o pretexto de ser transferido para o Banco Central. O órgão de inteligência financeira era elogiado pelo seu trabalho de combate à corrupção, até que revelou as movimentações estranhas nas contas do gabinete do então deputado Flávio Bolsonaro. Nunca mais sua vida foi a mesma.

Agora o ataque é à Receita Federal, uma das melhores e mais competentes burocracias brasileiras. Ninguém ousou mexer com ela. O presidente Bolsonaro num dia diz que a Receita fez devassa nas contas da sua família, depois diz que quer transformá-la em agência dando a desculpa de que quer protegê-la de intervenções políticas. O problema é que o mesmo Bolsonaro havia falado mal das agências reguladoras. Basta somar. Ele não gosta das agências, se sente perseguido pela Receita e quer transformá-la em agência e, claro, não é para fortalecê-la. Se quiser proteger o órgão de intervenção po-

lítica, basta não intervir.

O populismo desmonta economias porque ignora dados da realidade e prefere medidas de efeito imediato ainda que causem distorções. Os exemplos são inúmeros. A Argentina estagnou em 2012. O peronismo, se corrigir os erros que cometeu, tem a chance de retomar o crescimento. Na Venezuela, o desmonte populista e autoritário foi tão longo que a economia desmoronou. A democracia, também.

O Brasil é uma democracia forte, mas tem um presidente de extrema-direita que admira ditaduras e elogia torturadores. Sua tendência populista não chegou na economia por força desta equipe, mas o presidente não é um liberal e aceita a política de austeridade até que o atinja. Protegeu os policiais na Previdência, e a reforma dos militares embute um grande aumento de salário. O maior risco de Bolsonaro é o autoritarismo. É da sua natureza e ele não vai mudar. O Brasil precisa que as instituições funcionem.

O risco não vem da direita nem da esquerda, vem do autoritarismo e do populismo. Eles arruinam a economia e ameaçam a democracia.

\*Com Alvaro Gribel e Marcelo Loureiro